

FELIPE RODRIGUES DE CAMARGO

Poder da Comunicação: Uma perspectiva geopolítica das retóricas midiáticas
sobre o conflito ucraniano na imprensa brasileira

Relatório de Pós-doutorado na
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Geociência e Ciências Exatas,
Rio Claro.

Supervisor: Prof. Dr. Paulo Roberto
Teixeira de Godoy

Rio Claro
2024

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo investigar a perspectiva de criação de *storytellings* sobre a Guerra da Ucrânia analisando como é caracterizado a Rússia no conflito e assim analisando sob a ótica do poder da comunicação de Manuel Castells. Sendo executando o trabalho por meio de análise de artigos de jornais das mídias digitais da Folha de São Paulo e Estado de São Paulo com uso da inteligência artificial Gemini do Google. A qual seu resultado passou por um exame da teoria de Castells com relação a comutação e programação das informações e da participação e exclusão de mídias. A qual concluímos que há construção de *storytellings* que deprecia e cria aversão com relação a Rússia demonstrando que há intuito em solapar as relações e criar opinião pública que faça o Brasil diminuir suas relações com a Rússia para diminuir a parceria política no campo do revisionismo da ordem mundial ocidental liderada pelos Estados Unidos.

Palavras-Chave: Geopolítica. Guerra da Ucrânia. Poder da Comunicação. Manuel Castells.

The Power of Communication: A Geopolitical Perspective on Media Rhetoric in the Ukrainian Conflict in the Brazilian Press

Abstract

This paper aims to investigate the creation of storytelling narratives about the Ukraine War, focusing on how Russia is characterized in the conflict, and analyzing it through the lens of Manuel Castells' communication power theory. The study was conducted by analyzing articles from the digital media platforms Folha de São Paulo and Estado de São Paulo, using Google's Gemini artificial intelligence. The results were examined in light of Castells' theory, particularly regarding the switching and programming of information, as well as the inclusion and exclusion of media participants. The study concludes that the construction of storytelling narratives tends to devalue and create aversion toward Russia, suggesting an intention to undermine relations and shape public opinion in Brazil, potentially leading to a reduction in political ties with Russia. This could be seen as an effort to weaken the partnership in the context of revisionist challenges to the Western world order led by the United States.

Keywords: *Geopolitics, Ukraine War, Communication Power, Manuel Castells.*

Introdução

A geopolítica, como campo de estudo, tem desempenhado um papel fundamental na compreensão das relações internacionais e das dinâmicas geopolíticas que moldam o mundo contemporâneo. Através de análises e reflexões sobre os aspectos políticos, econômicos, sociais e geográficos, a geopolítica proporciona uma visão abrangente das interações entre as nações e dos conflitos que emergem em diferentes regiões do globo.

Uma definição inicial de geopolítica pode ser encontrada na interpretação das palavras do influente teórico geopolítico Nicholas J. Spykman, que em sua obra "The Geography of Peace" (1944), a qual a geopolítica é o estudo das relações de poder no espaço; é o exame da força e do poder em suas manifestações espaciais.

A importância da geopolítica como área de estudo também se destaca através do desenvolvimento da Escola de Geopolítica, que emergiu no início do século XX com figuras proeminentes como Sir Halford Mackinder e Alfred Thayer Mahan. Mackinder, em seu trabalho "Democratic Ideals and Reality" (1919), enfatizou a importância do controle do "coração da Eurásia" como uma chave para a dominação mundial, enquanto Mahan, em "The Influence of Sea Power upon History" (1890), ressaltou o papel do poder marítimo na ascensão e queda das grandes potências.

Outro nome relevante na definição e importância da geopolítica é o do geógrafo alemão Karl Haushofer, fundador da Escola de Geopolítica Alemã. Ele afirmou que "a Geopolítica é o estudo das causas geográficas de poder das nações e dos estados". Haushofer foi um dos principais defensores da compreensão do espaço geográfico como um fator determinante nas relações internacionais.

A geopolítica desempenha um papel crucial na formulação de políticas e estratégias governamentais, especialmente em tempos de competição global e conflitos regionais. Ao analisar a distribuição de recursos naturais, o acesso a rotas comerciais, as fronteiras territoriais e as relações diplomáticas, a geopolítica permite que os líderes compreendam melhor as motivações e interesses das nações, facilitando a tomada de decisões informadas. Em síntese, a geopolítica é uma disciplina que transcende fronteiras e períodos históricos, fornecendo um arcabouço conceitual e analítico essencial para a compreensão das relações internacionais e das dinâmicas globais. Sua importância como área de estudo é evidente na capacidade de informar estratégias políticas, promover o diálogo entre nações e contribuir para a busca da estabilidade e cooperação internacional em um mundo complexo e interconectado.

Ao longo dos séculos, a geopolítica tem sido um fator determinante na compreensão das relações entre Estados e na análise das disputas territoriais e de recursos naturais. No entanto, na era da informação e da globalização, a dimensão das relações internacionais expandiu-se para além das fronteiras físicas, abrindo caminho para uma

nova disciplina fundamental: a Geopolítica das Comunicações, a qual o autor Philippe Boulanger explora e realiza proposições em sua obra “Géopolitique développement médias”.

Destacando-se que as comunicações sempre foram essenciais para a construção e o desenvolvimento das sociedades humanas. Desde os tempos mais remotos, as rotas comerciais e as redes de troca de informações moldaram o fluxo de conhecimento e de poder entre as nações. No entanto, com o advento das tecnologias de comunicação modernas, como a internet e os dispositivos móveis, o mundo passou a testemunhar uma revolução sem precedentes na forma como a informação é disseminada e como as sociedades se conectam.

Nessa nova realidade, a Geopolítica das Comunicações emerge como um campo de estudo crucial para compreender a dinâmica global. A capacidade de transmitir informações instantaneamente através das fronteiras e o acesso a uma miríade de plataformas de comunicação estão redefinindo a forma como os Estados interagem e se posicionam no cenário internacional.

Boulanger destaca a elementos da influência das comunicações como um fator relevante para a percepção dessa área de estudos em geopolítica:

A implementação de redes subaquáticas de fibra ótica, o poder dos grandes grupos de mídia globais, o surgimento de ciberconflitos, a competição entre cidades de mídia, o surgimento de cidades inteligentes, as guerras de significado e as batalhas de percepção através da mídia, o uso de redes sociais em movimentos de protesto popular aparecem como elementos, entre outros. (BOULANGER, 2014, p. 08, tradução nossa).

A Geopolítica das Comunicações se destaca como uma área de estudo essencial e cada vez mais relevante na sociedade contemporânea, especialmente com a rápida evolução das tecnologias de informação e comunicação. Essa disciplina explora a interseção entre a geografia, a política e a tecnologia das redes de comunicação, oferecendo uma compreensão aprofundada do papel transformador que as comunicações desempenham nas relações internacionais e na estruturação global.

O renomado historiador da comunicação, Harold A. Innis (1950), descreveu a importância da geopolítica das comunicações ao afirmar que os meios de comunicação têm sido tão vitais para a história quanto o território. Innis destaca a relevância central

das comunicações como um elemento determinante na configuração do poder e das relações entre nações e culturas.

A importância crescente da geopolítica das comunicações está diretamente ligada à Revolução Digital e ao surgimento da Internet. Com a convergência de diferentes tecnologias de comunicação, como a Internet, telefonia móvel, mídias sociais e computação em nuvem, o mundo se tornou um espaço interconectado onde a informação flui instantaneamente, ultrapassando fronteiras geográficas e influenciando as dinâmicas geopolíticas.

A qual, em uma perspectiva capitalista Shoshana Zuboff (2020, não paginado) irá designar como uma era do capitalismo de vigilância, sendo em uma de suas definições como: “Uma lógica econômica parasítica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento”. Esse conceito nos remete a uma percepção de que se o sistema econômico faz uso das capacidades tecnológicas da comunicação para modificar e induzir comportamentos para o consumo, pode-se modificar e induzir comportamentos para apoiar, refutar e influenciar ideias de grupos e setores sociais relevantes politicamente para tomadas de atitudes em prol de interesses alhures.

Willian Lind quando apresenta seu artigo descrevendo as guerras de quarta geração se refere aos meios de comunicação (mídias) como uma arma operacional importante para as operações psicológicas.

As operações psicológicas podem se tornar a arma operacional e estratégica dominante assumindo a forma de intervenção midiática/informativa [...] O principal alvo a atacar será o apoio da população do inimigo ao próprio governo e à guerra. As notícias televisionadas se tornarão uma arma operacional mais poderosa do que as divisões armadas. (LIND, 2001, não paginado).

As palavras de Lind tem uma perspectiva de interesse conflituosa entre as partes, mas não podem ser lidas como uma situação específica, pois trata-se de uma estratégia que tem capacidade de ampla utilização e não somente orientada para uma etapa de conflito indireto entre países. Coincidindo diretamente com as palavras de Korybko (2018), quando ele apresenta a estratégia das revoluções coloridas e com especial ênfase na propaganda como fábrica de consensos:

A espinha dorsal básica para iniciar e difundir uma reclusão colorida é a disseminação da informação entre a população, seja uma, demografia específica dela ou a sociedade como um todo. Devido à necessidade de disseminar determinada mensagem (no caso das revoluções coloridas,

uma que incentive as pessoas a derrubar o governo). (KORYBKO, 2018, p. 45).

O autor resgatando as ideias de Edward Bernays, o pai das “relações públicas”, apresenta à luz geopolítica a percepção de que um pequeno grupo pode influenciar e orientar a forma de pensar de grupos sócias:

O estudo sistemático da psicologia das massas revelou aos alunos as potencialidades do controle invisível da sociedade por manipulação dos motivos que mobilizam o homem em grupo [...] (o qual) tem características mentais diferentes das do indivíduo e é motivada por impulsos e emoções que não podem ser explicados com base no que conhecemos acerca da psicologia individual. Logo, levantou-se naturalmente o questionamento: se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente em grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo com nossa própria vontade sem que elas percebessem? (BERNAYS, 1928, p. 47, tradução nossa).

Introduzimos de forma inicial essas ideias para apresentar a magnitude dessa nova percepção das potencialidades da comunicação como arma estratégica das relações geopolíticas. Pois, a geopolítica das comunicações tem um impacto profundo nas relações internacionais e na política global. A comunicação instantânea e ubíqua permite que informações e ideias circulem de forma rápida e ampla, influenciando a opinião pública e a percepção de eventos ao redor do mundo. Além disso, as redes de comunicação desempenham um papel vital no ativismo político, nas mobilizações sociais e nas revoluções, como evidenciado nas Primaveras Árabes e em outros movimentos que utilizaram as redes sociais como ferramenta de organização.

No entanto, a geopolítica das comunicações também traz desafios, como a censura e o controle da informação por regimes autoritários, a disseminação de notícias falsas (*fake news*) e a exploração de vulnerabilidades nas infraestruturas de comunicação por atores maliciosos. Nesse contexto, a segurança cibernética e a proteção da privacidade se tornam questões cruciais para a estabilidade global.

Em suma, a Geopolítica das Comunicações emerge como uma área de estudo indispensável para entender a interconexão do mundo contemporâneo. A rápida evolução das tecnologias de comunicação e sua crescente influência nas relações internacionais ressaltam a importância de compreender e abordar os desafios e oportunidades que essa dinâmica traz. Ao considerar a citação de Harold A. Innis e a relevância da Revolução Digital, fica evidente que a geopolítica das comunicações é uma disciplina essencial para compreender e enfrentar os desafios de uma era global e digitalmente interdependente.

Pensando em uma problemática geopolítica global inerente às comunicações tem-se o conflito da Rússia com a Ucrânia. A própria forma de denominar o conflito pelos agentes denota uma inteligência preestabelecida de um discurso disseminador de intencionalidades. Como no caso de o governo russo nomear suas ações no leste ucraniano como “operação militar especial”. A qual em uma primeira vista compreende-se a intencionalidade da retórica não como uma ação de guerra, mas de proteção de uma população russa residente nesses territórios. Como Vladimir Putin (Presidente da Federação Russa) proferiu no discurso de início das operações:

Nesse contexto, em conformidade com o artigo 51, parágrafo 7, da Carta das Nações Unidas, com a sanção do Conselho da Federação da Rússia e cumprindo os tratados de amizade e assistência mútua com a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk ratificados pela Assembleia Federal em 22 de fevereiro deste ano, decidi conduzir uma operação militar especial. Seu objetivo é proteger as pessoas que há oito anos são submetidas a abusos e a um genocídio por parte do regime de Kiev. E, para tanto, buscaremos desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia, assim como levar aos tribunais aqueles que cometeram inúmeros crimes sanguinolentos contra moradores pacíficos, entre eles, cidadãos da Federação Russa. (VEJA..., 2022).

Esse discurso de Vladimir Putin, observada a partir de uma percepção, mas leviana, denota que a terminologia adotada é intencional para realmente não transparecer uma guerra entre Estados, mas uma operação de salvaguarda de uma população que há muito vem sendo afligida por ações perpetradas por grupos que dominaram um Estado a qual não representam de fato toda uma população.

Mas isso por si só não detona uma questão de geopolítica da comunicação, mas o fato de o governo russo proibir qualquer outro termo, como guerra ou invasão nos leva a interrogar uma orientação massiva por uma forma de pensar e analisar a intencionalidade da terminologia adotada.

O governo russo está ampliando a censura a veículos de imprensa locais. Expressões como “ataque”, “invasão” e “guerra” em notícias que comentem o conflito na Ucrânia estão proibidas. De acordo com o Roskomnadzor, a agência reguladora de comunicações do governo russo, o termo aprovado é “operação militar especial em Donbass”. Em um comunicado oficial, o órgão acusa o canal de televisão Dozhd, o jornal Novaya Gazeta, principal publicação independente da Rússia, editada pelo vencedor do Nobel da Paz Dmitry Muratov, e outros veículos de publicar “informações falsas, socialmente significativas e não confiáveis”. A punição para quem descumprir a ordem é o bloqueio imediato e uma multa que pode chegar a cinco milhões de rublos, valor equivalente a 60 mil dólares. (RÚSSIA..., 2022.).

Existe, assim, uma construção de narrativa a qual em perspectiva geográfica ao território russo há uma intencionalidade de legitimar uma postura bélica por meio com base em uma ação humanista antinazista.

Mas não é só o lado russo que se apresenta essa conduta de *storytelling*¹, os ucranianos com o presidente Volodímir Zelenski apresentam suas versões. Perspectiva ucraniana/ocidental é o uso da retórica de conflito de visão de mundo dicotômico, demonizando a ação de Putin.

Zelensky disse que a Rússia, que realizou outra onda de ataques com mísseis no sábado, está “seguindo o diabo” e o país está travando uma guerra para garantir que o presidente russo, Vladimir Putin, permaneça no poder “até o fim de sua vida”. “Toda essa guerra que você está travando, você Rússia não é a guerra com a OTAN, como mentem seus propagandistas”, disse Zelensky. “Não é por algo histórico. É para uma pessoa permanecer no poder até o fim de sua vida.” (KNIGHT, 2022).

Essa breve *storytelling*, ou seja, essas construções de narrativa sobre as ações militares no Leste ucraniano, aqui expostas brevemente, são descritas por José Luis Martín Sáez e Yolanda Ortiz de Guinea Ayala como:

[...] ambos criaram uma história emocional sobre a guerra –storytelling, cujo objetivo é justificar suas ações no conflito, buscando, ao mesmo tempo, empatia com suas respectivas causas, embora o enquadramento gerado por cada um seja completamente diferente. Além disso, enquanto a história de Putin apela fundamentalmente à empatia de seus concidadãos, a de Zelenski, por outro lado, apela à do resto do mundo e, especialmente, à dos europeus. São histórias que recorrem ao “imaginário simbólico”, em que “a imaginação informa, modela e reorienta a razão, (...) (...) abrindo-a (...) para territorialidades inéditas da experiência”, partindo da premissa de que “interpretamos a realidade objetiva não apenas racional e abstratamente, mas também afetivamente, isto é, a partir de uma imagem inscrita nas profundezas da psique” e que, neste caso, seria moldada por outra guerra: a Segunda Guerra Mundial. (SÁEZ; DE GUINEA AYALA, 2022, p. 07- 08, tradução nossa).

Desta forma, o nosso objetivo é compreender como é organizado as narrativas das mídias brasileiras, segundo a construção de seus *storytellers*. Em primeiro momento analisaremos dois jornais relevantes de circulação e acesso digital do Brasil por meio da inteligência artificial Gemini. Em segunda instância analisaremos os resultados sob a ótica dos conceitos de poder e comunicação segundo Manuel Castells.

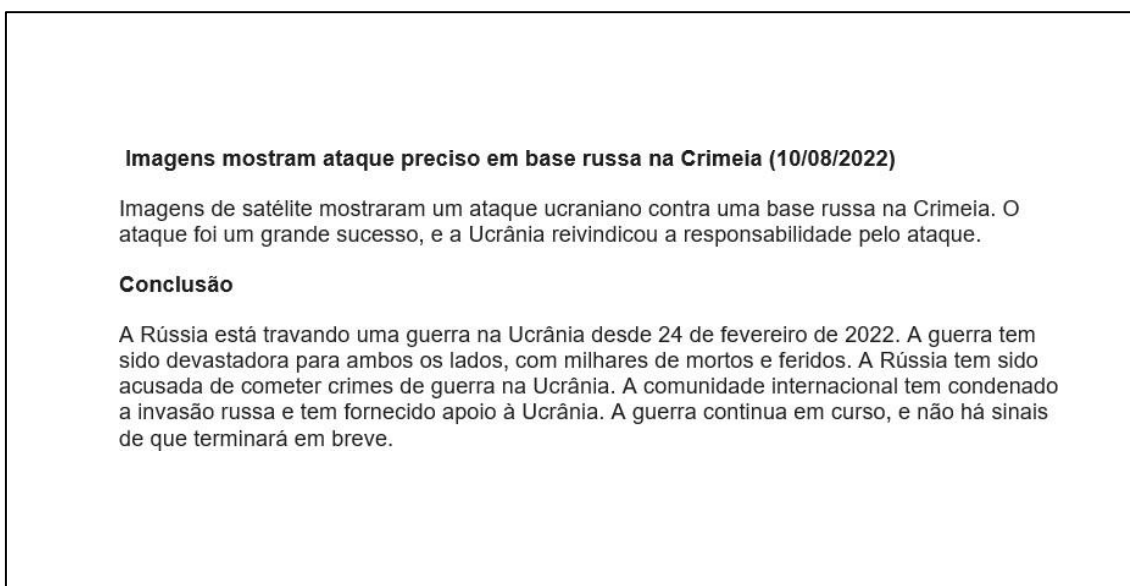
¹ Método de comunicação relacionado com a intencionalidade de conduzir, reforçar e consolidar apoio a uma ideia por meio de várias postagens e matérias realizados em um determinado período por meio de elementos socioemocionais.

1. Análise dos Artigos da Folha de São Paulo

Foram coletados 82 artigos do site do Jornal Folha de São Paulo no período temporal de fevereiro de 2022 até agosto de 2013. Após passar sobre uma elaboração da inteligência artificial do Google, Gemini, sob o prompt: Com base nos artigos de selecionados do Jornal Folha de São Paulo, no período de fevereiro de 2022 até agosto de 2013, quais as atitudes da Rússia na Guerra com a Ucrânia. Obtivemos o seguinte resultado: “A Rússia está travando uma guerra na Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022. A guerra tem sido devastadora para ambos os lados, com milhares de mortos e feridos. A Rússia tem sido acusada de cometer crimes de guerra na Ucrânia. A comunidade internacional tem condenado a invasão russa e tem fornecido apoio à Ucrânia. A guerra continua em curso, e não há sinais de que terminará em breve.”

Em um primeiro momento a análise da inteligência artificial se apresenta como simples e leviana. Contudo, a inteligência humana pode destrinchar melhor as apresentações do Gemini, para o nosso escopo do Poder da Comunicação temos três pontos preponderantes desse discurso. Primeiro, A guerra tem sido devastadora para os dois lados. Em segundo, a Rússia acusada de crimes. Terceiro, a comunidade internacional condena a Rússia e fornece suporte para a Ucrânia. Se debruçar sobre esses três pontos podemos elucidar melhor as narrativas.

Figura 1 - Conclusão da Análise do Gemini sobre os artigos da Folha de São Paulo.



Fonte: Próprio autor.

No primeiro caso, a guerra devastadora para todos podemos observar alguns artigos falando sobre as baixas e a carnificina do combate moderno, mas um se destaca para nos elucidar a situação. Igor Gielow (2022) relata no artigo “Rússia vai aumentar Forças Armadas após falta de pessoal e perdas na Ucrânia” que as forças armadas russa vem perdendo muito pessoal e precisa aumentar seu contingente para continuar com o conflito. Em suas palavras:

Nos últimos seis meses surgiram pressões não só de quem gostaria que a guerra, e as sanções duras aplicadas pelo Ocidente que a seguissem, fosse interrompida. Muitos comentaristas nos meios militares, inclusive mostrando a cara na internet, demandavam uma ação mais efetiva por parte de Moscou.

Putin resistiu, trazendo para o conflito mercenários do infame Grupo Wagner e soldados baseados fora da Rússia, como na Síria e na Armênia. Depois, estimulou com dinheiro voluntários para as Forças Armadas. Não parece ter sido suficiente, e agora a ampliação veio.

Na conta também estão embutidos os mortos no conflito. A Rússia parou de divulgar dados em março, quando admitia 1.350 falecidos. Serviços de inteligência ocidentais falam em 15 mil, e a Ucrânia, exagerando por motivos óbvios, chuta 80 mil. (GIELOW, 2022, n.p.).

O discurso apresenta uma ideia de distanciamento entre a sociedade russa e o governo russo dando a Putin a personificação do Estado e de tendências maléficas para seu povo e para todo mundo de uma forma geral. Ressaltando as significativas baixas

militares e a necessidade de convocar mais civis para compor as fileiras da guerra que provavelmente irão perecer nesse conflito.

Em segundo há os crimes, como relatado. Um artigo que podemos destacar que adentra para essa percepção é a de Alamino e Santos (2023) “O desafio de romper a impunidade dos crimes internacionais”. A qual o primeiro parágrafo relata:

No dia 17 de março o Tribunal Penal Internacional (TPI), sediado em Haia, na Holanda, expediu mandado de prisão para o presidente russo, Vladimir Putin, e Maria Lvova-Belova autoridade russa envolvida em suposto esquema responsável por deportar milhares de crianças ucranianas para a Rússia, em mais um dos capítulos que envolvem a série de denúncias de crimes relativos à guerra na Ucrânia. (ALAMINO, SANTOS, 2023, n.p.).

No artigo há relatado somente desse crime, mas também deixa explícito que há mais crimes de guerra acontecendo. Destacamos, novamente, uma construção de narrativa que separa a Rússia de Putin. Uma construção de narrativa que denota uma ideia de que a Rússia como um país, uma sociedade, não teria “culpa”, mas estaria sob um controle terrorista e ditatorial de Putin. Não nos atribuímos a tarefa de analisar a perspectiva dessa linha de raciocínio criada, mas de destacar como um elemento significativo da construção do *storytelling*.

O terceiro, e último, pontos que conseguimos analisar da análise geral dos artigos foi a comunidade internacional condenando a ação russa e dando suporte para a Ucrânia. Abordando a perspectiva da ajuda internacional, os Estados Unidos, OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e União Europeia são os derradeiros auxiliares que enviam dinheiro em forma de empréstimos e doação de material bélico. Igor Gielow (2022) ressalta em um artigo de 5 de setembro de 2022 a situação de envio de armamentos.

Chefe da diplomacia da UE (União Europeia), Josep Borrell disse nesta segunda (5) que o bloco precisa redefinir sua política de compras militares porque a Guerra da Ucrânia está "esgotando em grande proporção" os arsenais dos países-membros. [...]

[...] Até julho, o bloco havia aprovado o envio de € 2,5 bilhões (R\$ 12,8 bilhões, no câmbio de hoje) em armas e munições para os ucranianos. A conta não inclui transferências individuais de Estados-membros como no caso francês. O Reino Unido, que não faz mais parte do clube, também enviou vários sistemas de armas.

Mas o maior fornecedor ucraniano é, claro, a maior potência industrial-militar do mundo, os EUA. Washington já se comprometeu a enviar US\$ 13,5 bilhões (R\$ 69,7 bilhões) em armamentos, inclusive sistemas avançados antiaéreos e artilharia de longa distância.

Mesmo lá há discussão sobre o ritmo das entregas: o estoque de mísseis antitanque Javelin, vitais na primeira fase da guerra, foi reduzido ao

mínimo necessário nos EUA. Foram enviados a Kiev 8.500 desses lançadores.

A guerra fez com que países europeus abrissem o cofre para gastos militares, particularmente aqueles membros da Otan (aliança militar liderada pelos EUA). Os americanos sempre se queixaram do menor comprometimento continental com defesa, mas agora os países estão correndo para chegar ao menos aos 2% do PIB gastos com defesa, padrão do clube.

A fala de Borrell toca num ponto central: quem tem dinheiro, como a Alemanha, já anunciou um amplo programa de rearmamento, triplicando seu gasto militar neste ano ao abrir um fundo de € 100 bilhões (R\$ 512 bilhões) para o fim. Quem se deu bem, a exemplo do que ocorreu no Egito, foram os americanos, que irão vender caças F-35 a Berlim.

Mas países mais expostos e com menos recursos, como os Estados bálticos, precisarão de ajuda e transferência por parte de Bruxelas. Hoje, são caças da Otan que patrulham os céus daquela região, já que Estônia, Lituânia e Letônia não têm Força Aérea capaz. (GIELOW, 2022, n.p.).

Não há necessidade de reescrever as passagens do excerto, mas o que é apresentado é a completa determinação desses países em auxiliar a Ucrânia em seu conflito com a Rússia, literalmente esvaziando os arsenais e bilhões de dólares investidos nesse objetivo.

Com relação a culpabilidade da Rússia, quase todos os artigos utilizam a palavra invasão e guerra, inerentemente atribuindo à Rússia essa função de a ter iniciado. Algo que concretamente foi, a Rússia iniciou o conflito militar, contudo não aparece em nenhum artigo alguma discussão, reflexão ou fenômeno que explique mais profundamente os motivos russos de tal atitude.

Ao que nos tange o objetivo, analisar a *storytelling* podemos apresentar que há uma narrativa culpabilizando a Rússia, mais explicitamente a figura de Vladimir Putin como presidente dessa nação, até certo ponto tentando separar a persona governante do país. E que o conflito está se prolongando de forma terrível, sangrenta e prejudicando muito os ucranianos. Não apresentando nenhum elemento que justifique a postura russa para adentrar o conflito somente narrando como uma atitude de um ditador insano.

2. Análise dos Artigos do Jornal Estado de São Paulo

No jornal Estado de São Paulo (Estadão) foram coletados 63 artigos do site no período temporal de fevereiro de 2022 até agosto de 2023. Após passar sobre uma elaboração da inteligência artificial do Google, Gemini, sob o prompt: Acessar o Google Drive e analisar os artigos da Folha de São Paulo sobre a atitude da Rússia na Guerra com

a Ucrânia. A resposta se diferenciou um pouco nos elementos destacados dos dados obtidos na Folha de São Paulo, mas não, de fato, na essência. A inteligência artificial respondeu:

“A Rússia está travando uma guerra de agressão contra a Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022. A guerra tem sido devastadora, com milhares de mortos e feridos, milhões de deslocados e danos generalizados à infraestrutura. A Rússia tem sido acusada de uma série de crimes de guerra, incluindo o uso de armas proibidas, ataques a civis e o deslocamento forçado de populações. A Rússia também tem sido acusada de violar o direito internacional humanitário.”

A Rússia tem sido criticada por sua atitude na guerra, que tem sido caracterizada por desrespeito aos direitos humanos, violência excessiva e uma estratégia de guerra de desgaste. A Rússia também tem sido acusada de tentar desestabilizar a Ucrânia por meio de propaganda, ciberataques e apoio a movimentos separatistas.

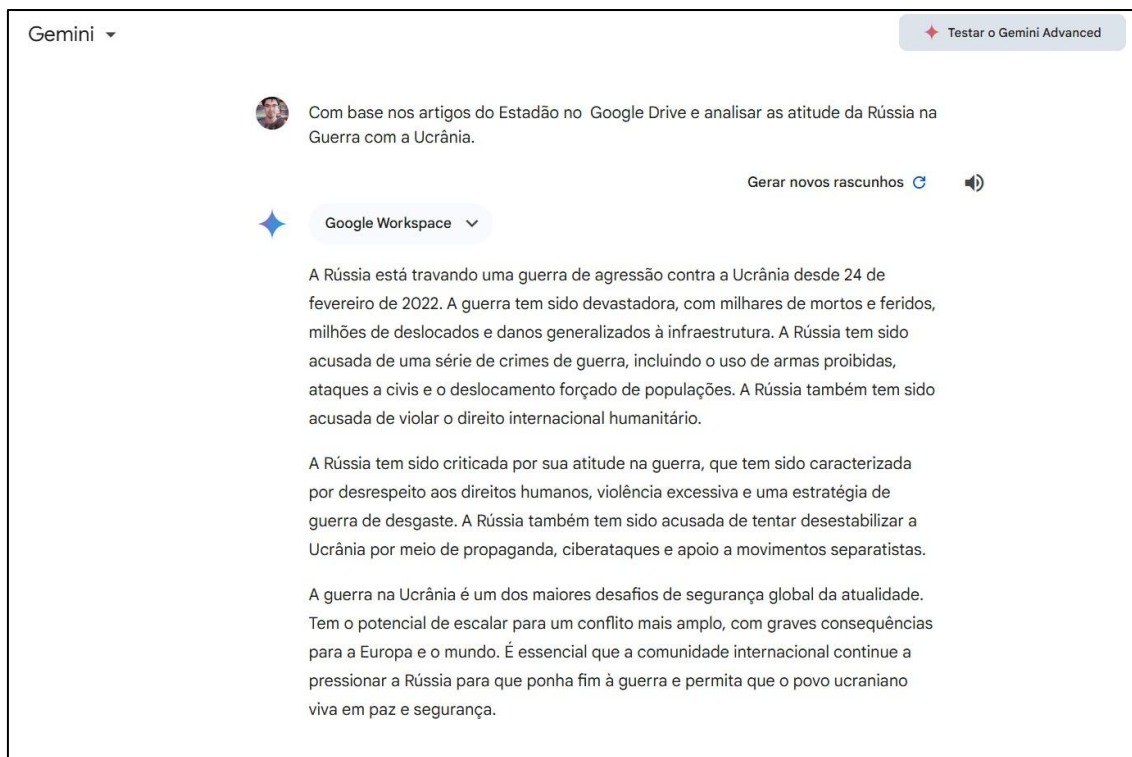
A guerra na Ucrânia é um dos maiores desafios de segurança global da atualidade. Tem o potencial de escalar para um conflito mais amplo, com graves consequências para a Europa e o mundo. É essencial que a comunidade internacional continue a pressionar a Rússia para que ponha fim à guerra e permita que o povo ucraniano viva em paz e segurança.”.

Dessa descrição podemos retirar, também, três pontos importantes. O primeiro, é com relação aos crimes de guerra praticados pela Rússia. O segundo, a devastação que a Rússia está fazendo na Ucrânia. Por fim, o terceiro, a comunidade internacional pressionando a Rússia por finalizar o conflito.

Destacamos um artigo de Felipe Frazão (2023) que apresenta o primeiro ponto destacado no Jornal Estado de São Paulo:

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, foi vaiado nesta terça-feira, dia 22, durante o início da transmissão de sua mensagem em vídeo no Fórum Empresarial do Brics. Ameaçado por uma ordem de prisão do Tribunal Penal Internacional, Putin desistiu de comparecer a Johannesburg, na África do Sul, para a 15ª Cúpula do Brics. A África do Sul seria obrigada a cumprir o mandado de prisão, expedido por crimes relacionados à guerra na Ucrânia, porque o país faz parte do acordo que estabeleceu a corte (FRAZÃO, 2023, n.p.).

Figura 2 - Print do Prompt e da resposta do GEMINI gerada direto do site dos artigos do Jornal Estado de São Paulo.



Fonte: Próprio autor.

Um artigo explicando a ausência do presidente da Rússia, um mandado de prisão por crimes na guerra na Ucrânia, durante uma conferência importante do Brics, grupo a qual ele foi um dos idealizadores, e sendo vaiado. Um artigo que de fato corrobora com a narrativa identificada pela inteligência artificial. De fato, Vladimir Putin foi condenado por crimes à guerra na Ucrânia, mas a Rússia, Estados Unidos, China, entre outros países não fazem parte do Tribunal Internacional Penal, ou seja, não o reconhecem como entidade legítima e extranacional, de certo modo até sendo questionável uma atitude do tribunal se as grandes potências políticas mundiais não se esforçam em organizar uma entidade neutra que preze pela legislação mundial.

O segundo ponto, a devastação que a Rússia perpetra na Ucrânia. Um Editorial do Estado de São Paulo resume essa afirmação:

Por semanas, Natalia Zadoianova perdeu o contato com seu irmão mais novo, Dmitri, que tinha ficado preso em Mariupol, cidade portuária da Ucrânia que foi sitiada. As forças russas tinham bombardeado o orfanato em que Dmitri trabalhava, e ele estava escondido, aglomerado

entre dezenas de outros ucranianos, em um porão congelante de um edifício sem portas nem janelas. Quando Natalia finalmente escutou a voz do irmão, ele estava aos prantos. “Estou vivo”, disse ele à irmã. “Estou na Rússia.”

Dmitri Zadoianov estava vivendo o episódio seguinte da devastação vivido por ucranianos de Mariupol e outras cidades ocupadas: deslocamentos forçados para a Rússia, a mesma nação que matou seus vizinhos e bombardeou suas cidades-natais aniquilando-as quase completamente.

Quase 2 milhões de refugiados ucranianos foram mandados para a Rússia, de acordo com autoridades ucranianas e russas. A Ucrânia de ne essas transferências como deslocamentos forçados para território inimigo, considerados crime de guerra. A Rússia qualifica as ações como retiradas humanitárias de vítimas da guerra que já falam russo e estão gratas por obter um novo lar. (UCRANIANOS, 2022, n.p.).

Neste artigo não há menção sobre o nome de Putin, mas fala explicitamente de uma atitude de forçoso deslocamento populacional ucraniano de regiões ocupadas militarmente pela Rússia. Há a apresentação de uma perspectiva russa de retiradas humanitárias. Contudo a narrativa destaca os bombardeios e a aniquilação promovida por parte de Moscou à Ucrânia. Também, podemos observar a intencionalidade de trazer nomes e pessoas reais apresentando sua vivência e dificuldades. Mais uma vez destacamos que não buscamos legitimar nenhum lado do conflito, mas analisar as construções de *storytellings*.

Por último ponto, a comunidade internacional pressionando o fim do conflito na Ucrânia. Em um artigo sem autor, mas destacado como “Por Redação” há a seguinte passagem:

O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Jens Stoltenberg, reafirmou o compromisso da aliança militar com a Ucrânia nesta terça-feira, 29, dizendo que o país um dia se tornará membro da maior organização mundial de segurança. “A porta da Otan está aberta”, declarou.

Apesar da declaração, a Ucrânia não deve fazer parte da Otan em um futuro próximo. Parte dos 30 aliados da Otan acredita que o foco agora deve ser apenas derrotar a Rússia na guerra, e Stoltenberg enfatizou que qualquer tentativa de avançar na Otan se compromete com futura adesão da Ucrânia e envia ajuda ao país. Foco atual da aliança é fornecer ajuda militar aos ucranianos para derrotar a Rússia, mas entrada ucraniana na Otan deve acontecer no futuro. Adesão poderia dividi-los. “Estamos no meio de uma guerra e, portanto, não devemos fazer nada que possa minar a unidade dos aliados para fornecer apoio militar, humanitário e financeiro à Ucrânia, porque devemos impedir que o presidente Putin vença”, explicou.

Stoltenberg acrescentou que a Rússia não tem poder de veto sobre a adesão de países, em referência à recente entrada da Macedônia do

Norte e Montenegro à aliança, e destacou que a Otan vai contar em breve com a Finlândia e a Suécia. Os dois países nórdicos solicitaram a adesão em abril, preocupados com ameaças da Rússia após a invasão na Ucrânia.

As falas de Stoltenberg foram dadas enquanto o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, e aliados da Otan se reuniam na Romênia para angariar mais apoio militar para a Ucrânia, com o objetivo de garantir que Moscou não consiga derrotar o país enquanto bombardeia a infraestrutura de energia. (OTAN, 2022, n.p.).

A narrativa apresentada nesse excerto é clara de que a forma de pressionar o fim do conflito é pelo meio bélico e bem especificamente derrotando a Rússia no campo de batalha. Contudo não no sentido de entrar de forma direta no conflito, mas de promover auxílio aos ucranianos.

O *storytelling* produzido pelo jornal Estado de São Paulo não se diferencia substancialmente do da Folha de São Paulo. Há perspectivas e destaques nas notícias diferentes quanto a forma, mas não é substancialmente diferente. Promovendo assim uma retórica antagônica à Rússia.

3. Uma análise das *Storytelling* sobre a ótica do Poder da Comunicação de Manuel Castells

O conceito de *storytellings* que apresentamos tem relação com a ideia de que é um método de comunicação relacionado com a intencionalidade de conduzir, reforçar e consolidar apoio a uma ideia por meio de várias postagens e materiais realizados em um determinado período por meio de elementos socioemocionais. Sendo uma perspectiva que se assemelha com autores como Adilson Xavier (2017) a qual define que os *storytellings* são técnicas e meios de elaborar e encadear cenas, ou seja, informações, dando-lhes sentido envolvente a qual atrairia a atenção de pessoas e promoveria a absorção de uma ideia central.

Adilson Xavier traça esse conceito a partir do marketing, algo que não desvaloriza nossa percepção, mas ao contrário, reforça a própria objetividade e funcionalidade da ideia central. Sendo essa concepção compreendida por meio de dois elementos: o primeiro, a técnica e a forma de construção de informações; a segunda, a comoção emocional. Criando, desta forma, uma narrativa que faça “consumir” e absorver um posicionamento ou uma ideia. Sendo essa perspectiva semelhante a interpretação de

Manuel Castells quando vai conceituar as relações de poder estabelecidas na sociedade em rede global:

Assim, a comutação e a programação das redes globais são as formas de exercer poder em nossa sociedade global em rede. A comutação é executada por comutadores; a programação é realizada por programados. Os comutadores e os programadores em cada rede são específicos àquela rede e não podem ser determinados sem uma investigação em cada caso particular. [...].

[...] Os meios específicos de comutação e programação são determinam em grande parte as formas de poder e contrapoder na sociedade em rede. A comutação de várias redes exige a capacidade de construir interface cultural e organizacional, uma língua comum, um meio comum, e o apoio de um valor aceito universalmente: o valor de troca. [...].

[...] Há uma segunda fonte principal de poder: a capacidade de programação das redes. Essa capacidade depende, em última instância, da habilidade para gerar, difundir e influenciar os discursos que moldam a ação humana. Sem essa capacidade discursiva, a programação de redes específicas é frágil e depende unicamente do poder dos atores entrincheirados nas instituições. Os discursos em nossa sociedade, moldam a mente pública por meio de uma tecnologia específica: redes de comunicação que organizam a comunicação socializada. Como a mente pública – isto é, o conjunto de valores e comportamentos que têm uma exposição ampla na sociedade – é, em última instância, o que a influencia o comportamento individual e coletivo, a programação das redes de comunicação é a maior fonte de materiais culturais que alimentam as metas programadas de qualquer outra rede. Além disso, como as redes de comunicação conectam o local com o global, os códigos difundidos nessas redes têm um alcance global. (CASTELLS, 2021, p. 98-99).

No excerto de Castells podemos observar tanto a percepção de Xavier quando a nossa quando Castells apresenta a comutação podemos entender a parte da técnica, a qual descrevemos como método de comunicação, ou seja, a forma de apresentar as ideias. A programação é o meio de tornar a comutação mais facilmente compreendida e absorvida pelos indivíduos usando apelações emocionais e/ou éticas e costumes culturais. Pois, então a *storytelling* é contínua execução desses elementos para afirmarmos cada vez mais um discurso ou ideia em indivíduos para, como Castells (2021, p. 99) diz “Na sociedade em rede, os discursos são gerados, difundidos, disputados, internalizados e finalmente incorporados na ação humana [...]”. Ou seja, geram ações específicas e esperadas.

Em perspectiva teórica temos uma organização estruturada de elementos que promovem uma ação esperada de indivíduos, mas como podemos perceber esse *storytelling* nas análises executadas por meio dos artigos da Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo?

A comutação se apresenta como a mídia impressa e digital das empresas midiáticas da Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo. Por tanto é em forma de jornal impresso com imagens e criação estruturada de uma redação explicando os eventos a qual podem ser acessadas adquirindo o jornal impresso ou acessando o site do jornal, contudo existe o *paywall*² para acesso digital. Essa situação excludente, ou seja, que seleciona os leitores indica que não é um conteúdo para todos, mas para um público de interesse nas informações ali presentes, também denotando indivíduos que normalmente se relacionam com as informações presentes a qual certas atitudes podem ser direcionadas pelas informações ali presentes. De fato, um público que a ação humana terá implicações significativas por base na própria configuração de seus “status sociais” tratando de um Brasil.

Identificar o público leitor é importante para compreendermos a comutação. A última pesquisa se tem sobre os leitores de mídias impressas foi em 2014, mas nos apresenta informações importantes:

De acordo com o levantamento, 76% dos brasileiros afirmam não ter o hábito de ler jornais, 21% leem pelo menos um dia por semana e somente 7% são leitores diários.

Na avaliação do nível de confiança, os jornais lideram a pesquisa com 58% de leitores, que confiam sempre ou muitas vezes nas informações veiculadas. O percentual é maior que o da TV (54%), o do rádio (52%), o das revistas (44%) e o das notícias de sites (30%).

A proporção de leitores de jornais é maior entre os homens, com maior renda e escolaridade e em municípios mais populosos.

Entre os leitores de jornais, 84% consomem o veículo em busca de informações. Os cadernos mais lidos são os de notícias locais/cidades/cotidiano (28%), esportes (24%), policial (16%), política brasileira (14%), classificados (12%), cultura e lazer (10%) e economia brasileira (10%).

Apesar da expansão do acesso à internet e das teorias sobre a substituição dos veículos impressos pelos sites de notícias, a pesquisa constatou que 79% dos leitores de jornais manuseiam o formato impresso, ante 10% que preferem a edição online e 4% que usam as duas plataformas. (AGÊNCIA BRASIL, 2014, n.p.).

Os dados apresentados denotam o que destacamos, a seletividade do público leitor de mídia impressa e digital. 7% são leitores diários que acompanham e provavelmente são movidos socialmente pelas informações ali contidas, 21% são mais permeáveis ao elemento periodicidade, mas também denotam uma relação significativa com a mídia para

² Para acessar o conteúdo deve se fazer o pagamento ou assinatura de conteúdo.

se dispuserem a consumir as notícias. No caso específico dessa pesquisa apresentada não há informações sobre política internacional, mas pelas proporções apresentadas na política brasileira (14%) e economia brasileira (10%) os cadernos de assuntos internacionais devem ser inferiores a esses valores por serem assuntos mais distantes a realidade nacional.

Do exposto podemos construir uma ideia de que o público que consome esses assuntos deve ter alguma ligação ou necessitar dessas informações por questão de seus trabalhos ou relações sociais. Caso seja só por curiosidade pode-se compreender como mais indivíduos que podem agregar na ação, dita por Castells, com relação a lógica estabelecida pelo *storytelling*.

Sendo a comutação a estrutura pela qual é feita a *storytelling*, a programação a forma. Apelação emocional e discursos pautados em ética, costumes e identidades comuns. Olhando, novamente, para a frase produzida pelo Gemini quando analisou os artigos dos jornais encontramos essa configuração. No caso do Jornal Estado de São Paulo: “A Rússia está travando uma guerra de agressão contra a Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022. A guerra tem sido devastadora, com milhares de mortos e feridos, milhões de deslocados e danos generalizados à infraestrutura. A Rússia tem sido acusada de uma série de crimes de guerra, incluindo o uso de armas proibidas, ataques a civis e o deslocamento forçado de populações. A Rússia também tem sido acusada de violar o direito internacional humanitário.”

Palavras como “guerra”, “devastadora”, “milhares de mortos e feridos”, “série de crimes”, “armas proibidas”, “ataques a civis” e “acusada de violar o direito internacional humanitário” são exemplos dessas construções. A semântica não deve ser tratada de forma leviana há uma intencionalidade objetiva em apresentar essas palavras de conotação negativas e atribuí-las à Rússia. Novamente tem que se declarar que não há intenção de julgar as veracidades das informações, mas de analisar a construção das narrações.

Observamos a mesma construção narrativa na análise dos artigos do Jornal Folha de São Paulo: “A Rússia está travando uma guerra na Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022. A guerra tem sido devastadora para ambos os lados, com milhares de mortos e feridos. A Rússia tem sido acusada de cometer crimes de guerra na Ucrânia. A comunidade internacional tem condenado a invasão russa e tem fornecido apoio à Ucrânia. A guerra continua em curso, e não há sinais de que terminará em breve.”

Novamente palavras como “devastadora, “guerra” e “crimes de guerra” se repetem, mas há “milhares de mortos e feridos” que surgem novas, mas não diferentes da intencionalidade de apresentar uma construção de antagonismo à Rússia.

Percebe-se que há uso de palavras que apresentam sentimentos negativos com relação à Rússia, a culpabilizando do conflito, a responsabilizando por atrocidades e fomentando um antagonismo com relação a este país e mais pessoalmente com relação ao seu líder, Vladimir Putin, como anteriormente apresentamos. Portanto há intencionalidade em criar aversão e antagonismo à Rússia, criar aversão ao seu líder.

Reforça-se a perspectiva de criar essas narrativas quando percebemos que as mídias e empresas de comunicação de origem russa foram todas sancionadas pela União Europeia e Estados Unidos. O acesso a mídias russas no Brasil é raro pela diferença linguística, mas há um veículo de comunicação russo de língua portuguesa que permaneceu em atividade no Brasil (Sputnik Brasil), apesar de terem sido suspensas suas atividades no início do conflito com a Ucrânia, contudo essa mídia tem pouca aderência e é pouco conhecida do público geral. Castells vai relatar que a inclusão e a exclusão de mídias, ou seja, fontes de comunicação é uma clara ação de poder. Silenciar outras fontes de informação é um ato de excluir capacidade ativa de exercer seu próprio poder (CASTELLS, 2021, p.96).

Portanto os *storytellings* que estão sendo criados visam criar a ideia de uma Rússia antagonista a ordem civilizada, criminosa e perpetradora de morte com uma guerra sem motivos plausíveis.

4. Conclusão

Podemos concluir que a área da comunicação é de grande importância para a geopolítica e as relações entre Estados. Essa importância está inserida na disseminação de informações, construção de histórias que promovam sentimentos, ideias e ações dentro de sociedades. No caso específico de nosso trabalho assinalamos que há construção de *storytelling* que depreciem a Rússia e usam o conflito na Ucrânia para essa execução. Narrativas que atribuem ações, que independentemente de serem verdadeira ou não, geram sentimentos e movimentações sociais que podem contribuir para o solapamento das relações entre os Estados, no caso particular do Brasil com a Rússia.

Mesmo destacando duas grandes conglomerados de mídias brasileira, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, não nos propusemos a rastrear se há origem estrangeira ou se é particularmente uma ação interna em promover tal antagonismo, pois sendo uma ação política dessa atitude não há aparente vantagem aparente, pois Rússia e Brasil tem comércio pequeno com a Rússia (0,58% de nossas exportações), mas de alta qualidade por adquirirmos a maior quantidade de fertilizantes e óleo diesel dos russos (OCE, 2024).

Contudo no ambiente político Brasil e Rússia participam dos BRICs (Grupo do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), grupo de países emergentes que pode ser definido por ser antissistêmico, pois cria mecanismos supranacionais que são paralelos e fora das influências das potências mundiais consolidadas (Estados Unidos, União Europeia, Japão e Canada). Fazendo ser coerente o pensamento de que a origem da criação dessas *storytellings* esteja interligado com forças políticas ligada a esses países.

Conclui-se que há forças geopolíticas possivelmente externas agindo no campo da geopolítica da comunicação internamente no Brasil. Narrativas são construídas para promover ideias usando apelações sentimentais e morais para criar uma força de opinião pública e até de gestores públicos que se antagonizem com a Rússia em interesse fazer o Brasil se distanciar desse parceiro político nos BRICS que atuam no revisionismo da ordem mundial liderada pelos Estados Unidos. Contudo para se trazer maior certeza precisamos de mais investigação.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. Apesar de menos lidos, jornais têm mais confiança do leitor. 19 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/apesar-de-menos-lidos-jornais-tem-mais-confianca-do-leitor>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

ALAMINO, Felipe Nicolau Pimentel; SANTOS, Marco Aurelio Moura dos. **O desafio de romper a impunidade dos crimes internacionais.** Folha de São Paulo, 20 de mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/03/o-desafio-de-romper-a-impunidade-dos-crimes-internacionais.shtml>. Acessado: 02 de out. de 2024.

BERNAYS, Edward. **Propaganda.** 1928. Disponível <http://www.whale.to/b/bernays.pdf>. Acessado: 02 de out. de 2024.

BOULANGER, Philippe. **Géopolitique desenvolvimento médias:** acteurs, rivalités et conflits. Paris: Armand Colin, 2014.

BRASIL apoia resolução da ONU por retirada de tropas russas na Ucrânia. VEJA. São Paulo, 23 fev. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/brasil-apoiar-resolucao-da-onu-por-retirada-de-tropas-russas-na-ucrania>. Acessado: 02 de out. de 2024.

CABALLERO, José. **Por que Brasil e outros países democráticos preferem não apoiar a Ucrânia contra a Rússia.** BBC Brasil. Rio de Janeiro, 14 de abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw8dzd0025xo>. Acessado: 02 de out. de 2024.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

CHOMSKY, Noam. **Mídia:** propaganda política e manipulação. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FRAZÃO, Felipe. **Putin é vaiado durante exposição de mensagem gravada no Fórum Empresarial do Brics.** Estado de São Paulo, 22 de ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/putin-e-vaiado-durante-exposicao-de-mensagem-gravada-no-forum-empresarial-do-brics/>. Acessado: 02 de out. de 2024.

GIELOW, Igor. **Guerra da Ucrânia esgota arsenais europeus; Irã quer caças russos.** Folha de São Paulo, 05 de set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/caca-mais-avancado-da-russia-faz-estreia-em-combate-na-ucrania-veja-video.shtml>. Acessado: 02 de out. de 2024.

GIELOW, Igor. **Rússia vai aumentar Forças Armadas após falta de pessoal e perdas**

na **Ucrânia**. Folha de São Paulo, 25 de ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/veja-videos-de-militares-ucranianos-na-resistencia-contr-a-invasao-da-russia.shtml>. Acessado: 02 de out. de 2024.

INNIS, Harold A. **Empire and Communications**. Oxford University Press, 1950.

KNIGHT, Mariya. **Zelensky discursa em russo e diz que Putin “se esconde atrás das tropas”**. CNN BRASIL. São Paulo, 31 de dez. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/zelensky-se-dirige-ao-povo-russo-emultimo-discurso-de-2022/>. Acessado: 02 de out. de 2024.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: Das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LADEIRA, Francisco Fernandes. **A ideologia dos noticiários internacionais**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

LIND, William S. et al. **The changing face of war: into the fourth generation. Marine corps** v. 85, n. 11, p. 65-68, 2001. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/15486651/thechangingfaceofwar-onscreen.pdf>. Acessado: 02 de out. de 2024.

MACKINDER, Halford John. **Democratic ideals and reality**. Diane Publishing, 1962.

MAHAN, Alfred Thayer. **The Influence of Seapower on History**. Gutenberg. org, 1890.

OCE. Yearly Trade Destination 2022. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/bra>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

OTAN se compromete com futura adesão da Ucrânia e envia ajuda ao país. Estado de São Paulo, 29 de nov. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/otan-reafirma-alianca-com-a-ucrania-na-guerra-contr-a-russia-e-diz-que-pais-vai-se-tornar-membro/>. Acessado: 02 de out. de 2024.

RÚSSIA censura imprensa e proíbe expressões como ‘guerra’ e ‘invasão’. VEJA. São Paulo, 25 de fev. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/russia-censurajornais-e-impede-expressoes-como-guerra-e-invasao>. Acessado: 02 de out. de 2024.

SÁEZ, José Luis Martín; DE GUINEA AYALA, Yolanda Ortiz. **La batalla del relato en la guerra de Ucrania**: De los discursos televisados a los video selfies. VISUAL REVIEW. International Visual Culture Review/Revista Internacional de Cultura Visual, v. 9, n. 4, p. 1-10, 2022. Disponível em: The story battle in the Ukraine war | VISUAL REVIEW. International Visual Culture Review / Revista Internacional de Cultura Visual (eagora.org). Acessado: 02 de out. de 2024.

SPYKMAN, Nicholas John. **The geography of the peace**. Harcourt, Brace, 1944.

UCRANIANOS são enviados a regiões remotas da Rússia, país que destruiu suas cidades e famílias. Estado de São Paulo, 31 de jul. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/ucranianos-sao-enviados-a-regioes-remotas-da-russia-pais-que-destruiu-suas-cidades-e-familias/>. Acessado: 02 de out. de 2024.

VEJA íntegra do discurso de Putin que anunciou invasão da Rússia à Ucrânia. Folha de São Paulo. São Paulo, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/veja-integra-do-discurso-de-putin-queanunciou-a-invasao.shtml>. Acessado: 02 de out. de 2024.

XAVIER, Adilson. **Storytelling: histórias que deixam marcas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2017.